



perene em que se encontra a matéria, que garante a sua
limpida, da idéia geradora, por exemplo, que garante a
impedem o seu retorno à primitiva brutalidade da matéria. O esforço, a fim de sublimar o objeto, a
material artístico, tem o principal desígnio de encontrar o ponto em que as propriedades de ambos
entram em concerto, transcendendo-o da opacidade da condição de coisa para a transparência da
apreensão de um fenômeno fenomenológico, numa somatória de contrários, dos conceitos e possibilidades
do material e da obra de arte, não menosprezando as finalidades da passividade cotidiana do
primeiro e da habitual atividade da segunda. Assim, tudo o que e nela incluso, é o resultado de uma
integração total do fato experienciado com o material inicial e depois, do evento registrado com a obra
conseguida.

A nova obra de arte é tanto mais criativa e viva quanto mais o suporte de suas idéias entrar no
conjunto como parte delas, numa interdependência e coerência extremas, a ponto de não se poder
definir perfeitamente, pela análise, os seus limites, sob pena de perder-se parcialmente a extensão de
cada um.

A nova obra não é estanque, ela translada os seus significados para o espaço circundante
estabelecendo tópicamente novas relações e concordâncias. Pois, sem recorrer as referências
exteriores, ela coleta de si mesmo os dados necessários à sua comunicação, retirando-os parte do real
e parte do virtual, tal obra, realizada com o espaço a seu acontecimento, ao penetrar no mundo,
perturba-o e, pelo seu surgimento, deflagra uma torrente de fenômenos perceptivos e significantes,
cheios de novas revelações, até então, inéditas nesse mesmo espaço. Esse novo **objeto**, investido de
tal atividade, torna-se um inteiro caracterizado pela sua autonomia e unicidade, e por isso, altamente
diferenciado das obras convencionais.

Contendo eventos dentro de seu próprio tempo – iniciados, transcorridos, findados, reiniciados, etc.
– e ali demonstrados clara, fluente e indefinidamente, ele inaugura-se no mundo como um
instrumento de contar a si próprio. A este ponto íntegro, emissor de formas auto-expressivas
significantes, colocado dentro do mundo sensível, denominamos, pois, de **objeto ativo**.

Willys de Castro
Junho de 1960